

A full-page background image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with a halftone dot pattern.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



“ENTRE COMES E BEBES”: UMA ANÁLISE DA RELIGIÃO NAS TIRINHAS DO “BUTECO DOS DEUSES” DE CARLOS RUAS

Gustavo Soldati Reis²⁸

A proposta dessa comunicação, em seu objetivo mais geral, consiste em fazer uma análise da construção visual e da crítica social, através da figuração de determinadas divindades, às ambiguidades das religiões representadas em algumas tirinhas da coletânea “Buteco dos deuses”, do artista brasileiro Carlos Ruas.

O uso de tirinhas, enquanto expressão artística de diferentes realidades sociais, conta com uma história já longa. Embora não se restrinja a um só contexto ganhou popularidade, majoritariamente através dos *syndicates*, ou seja, instituições nos EUA, ainda no início do século XX, que congregavam a produção de diferentes artistas e vendiam essas mesmas produções, principalmente, para os jornais impressos da época. Esses “sindicatos”, inclusive, “exportaram” muitas dessas tirinhas de artistas norte-americanos para outros países, inclusive o Brasil (RAMOS, 2007). Daí que o termo *comics strips* meio que se impôs, o que contribuiu para realçar dois aspectos importantes desse gênero artístico que tem, no desenho (daí sua aproximação com as histórias em quadrinhos), um elemento central: o aspecto humorístico e/ou satírico (*comics*) e o aspecto do formato em quadros em sequência horizontal (*strips*). Certamente que o gênero humorístico não esgota a linguagem artística das tirinhas. Porém, de acordo com Ramos (2013), no Brasil, parece ser esse gênero o que se impõe. É o que predomina, por exemplo, nos jornais impressos e nas múltiplas páginas em sites, canais e blogs no espaço virtual da internet. O próprio uso frequente do diminutivo – “tirinhas” – evoca certa gravitação em torno de questões da própria história das HQs, a da associação com histórias mais voltadas ao entretenimento de um público infanto-juvenil. Sem desconsiderar que o diminutivo pretende reforçar certa visão das tiras como uma espécie de versão síntese, resumida de uma HQ. Certamente essas ideias, principalmente no meio acadêmico, já contam com um grande fortuna crítica uma vez que, mesmo que haja o predomínio da comicidade na maioria das tirinhas importadas e produzidas no Brasil, esse quadro tem mudado bastante ao longo das últimas décadas, principalmente com a popularização da internet como meio para a produção de muitos artistas independentes, não vinculados, tão somente, a exposição de suas tirinhas nos grandes jornais, sejam impressos, sejam virtuais.

Essa discussão inicial nos aproxima de nosso objeto de análise. O artista e designer gráfico Carlos Ruas criou, em 2009, o blog “USQ – Um Sábado Qualquer”. Consolidou um estilo de crítica, baseado no humor e na irreverência, do tema da religião em suas *webtiras*, muito embora o próprio site de USQ as qualifica como “tirinhas”. Ruas concentrou seu percurso temático principalmente em torno de personagens oriundos do universo das tradições

²⁸ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor Adjunto I no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará (UEPA), em Belém. Coordena a linha de pesquisa “Religião e Quadrinhos” no Grupo de Pesquisa ARTEMI – Arte, Religião e Memória”. E-mail de contato: gsoldatir@gmail.com



religiosas cristãs, tradições essas hegemônicas no Brasil. Assim, personagens como Deus, Adão, Eva e Luciraldo (ou “Luci”, uma versão satírica do diabo) estão presentes nas reconstruções ficcionais nas tirinhas de Ruas, desde o início. E, claro: não falta, também, o próprio filho de Deus, Jesus. O nome “Um Sábado Qualquer”, possivelmente remete para um “cutucão” crítico, uma leve e bem-humorada reelaboração mitológica/ficcional: se o deus do judaísmo e das reelaborações cristãs criou o mundo em sete dias e, no sábado, descansou, o criador dessa nova mitologia religiosa - o artista Ruas -, “trabalha” ficcionalmente, num “sábado qualquer”, para inventar seus “mundos” de sentido. Pelo menos o olhar do artista para um aspecto que estrutura (produção de sentidos e valores fundamentais) sobremaneira a nossa sociedade: a religião. Como se o novo “deus criador”, o artista, continuasse as obras de criação. Percebe-se a dimensão satírica enquanto “arma” nas criações de Ruas, o que leva o cômico para além de sua pura função de entretenimento e distração. De acordo com o sociólogo P. Berger (2017, p. 269), “(...) na sátira, a intenção agressiva se torna o motor fundamental da expressão cômica (...) Mais frequentemente, o ataque é dirigido contra as instituições e os seus representantes, especialmente as políticas e religiosas”. É a dimensão de “arma” do cômico a que se refere o sociólogo norte-americano. Talvez as *webtirinhas* de Ruas não sejam tão ostensivas assim em seus “ataques” a certa forma excessivamente conservadora e fundamentalista de se viver a religião. Mas, certamente, estão presentes, contrabalançadas por certa leveza caricatural e, até mesmo, de simplicidade e “infantil” de seus desenhos.

Ruas ganhou projeção com seu trabalho. Consolidou o blog USQ, ampliou os espaços independentes de publicação de suas tirinhas na internet com o uso de redes sociais (Facebook, Instagram), criou um canal do USQ no Youtube, o que fez com que a diversificação ocorresse, também, no âmbito das linguagens midiáticas: várias *webtirinhas* servem, por exemplo, para pequenas histórias no formato de animações. Artista premiado, desde 2012 começou a compilar suas muitas tirinhas no formato impresso de livros. O foco aqui recai em um desses livros, justamente, o “Buteco dos Deuses”, publicado originalmente em 2014 com reedição em 2016 (conforme deduz-se de informações do próprio site do USQ – www.umsabadoqualquer.com). Nesse livro, apesar do nome, não há tirinhas somente do “Buteco”, mas de outras séries temáticas do autor. Circunscrevemos a análise a algumas tirinhas específicas que mostram os (des)encontros dos deuses e deusas nas mesas de um bar, justificando a ideia de “buteco”. É perceptível que Ruas procura construir, através de sua arte, uma perspectiva mais dialógica e respeitosa entre as religiões, sem perder de vista a crítica à hegemonia cristã. Tanto é assim que a personagem “Deus” é recorrente nos encontros na mesa de bar, bebendo e comendo com diferentes divindades de outras tradições religiosas. Percebe-se que Ruas, com o passar do tempo, amplia seu escopo: faz de sua arte não somente a crítica e reinvenções às mitologias cristãs mas, também, reinventa mitologias de outras tradições religiosas. Ruas entende, por hipótese, que a crítica a qualquer hegemonia religiosa dominante passa, necessariamente, pela afirmação e reconhecimento de outras alteridades religiosas.

Que não se perca de vista que se trata, essencialmente, de tirinhas de viés cômico. Em mesas de um bar, regado a bebidas, danças e muitas conversas e discussões, estando



sóbrios ou bêbados, os deuses e deusas acusam-se, consolam-se, brigam, põem em xeque o discurso da absolutização de poderes, além de outros temas como solidariedade, liberdade, amor, desejo e finitude. Por hipótese, o “buteco” é uma criação ficcional para repensar os dispositivos de afirmação e resistência a poderes hegemônicos, principalmente através de estruturas religiosas que compõem fortemente a formação societária como, por exemplo, a brasileira. No buteco, as mais diferentes tradições religiosas estão representadas através de diferentes divindades: Hórus, Odin, Zeus, Thor, Ganesha, Afrodite, Oxalá (um termo tomado de forma genérica, por Ruas, para representar uma divindade Afro) e até mesmo o “Deus” Google! Nada como um buteco para simbolizar a presença de uma religiosidade “à brasileira”: cheia de idiossincrasias mas que, “democraticamente”, convida a todas e todos para partilharem a mesa comum dos “comes e bebes”. É possível que Ruas afirme essas peculiaridades a partir do exercício de sua arte em ambiente mais autônomo e independente das instâncias editoriais e institucionais, principalmente em relação a temas tão polêmicos como a presença da religião em espaço público, em um país hegemonicamente cristão como o Brasil. O cômico, que produz a experiência do riso é, assim como outras, uma dimensão fundamental para a compreensão da existência humana vivida em sociedade. O cômico, traduzido nas artes, por exemplo, é um grande campo simbólico que representa a experiência da surpresa, da catarse diante de sofrimentos, da censura, da externalização de estereótipos e preconceitos, da ironia, do pensar racional, enfim, o cômico provoca, projeta, constrange, desinstala de zonas de conforto, mesmo que ao preço de instalar outras zonas. É uma das condições, sem as quais, impossível de se ler o ser-humano em ato, em sociedade, de acordo com a ideia central do filósofo francês Henri Bergson (1983).

A experiência do cômico e do humor, socialmente construída, move-se na ambivalência: ora reforça estereótipos e preconceitos, ora torna-se um campo simbólico de críticas e afirmação legítima das diferenças (BERGSON, 1983; BERGER, 2017). Como produções sociais, as tirinhas de Ruas evocam essas ambivalências. Se, por hipótese, estimulam o respeito às diferenças religiosas e a crítica ao hegemonismo cristão, por outro lado pode usar do cômico e do humor para reforçar preconceitos. Isso é assim porque as tirinhas, embora foquem no tema da religião, transversalizam com diferentes outras temáticas. Por exemplo: a divindade “Oxalá” reforça certos estereótipos e preconceitos raciais no traço visual de Ruas. Por outro lado, o artista torna protagonista uma divindade afro invisibilizada por séculos de preconceito e dominação colonial. Ao mesmo tempo que destaca o protagonismo feminino em algumas divindades, o artista parece reforçar certos estigmas históricos de objetificação desse mesmo feminino. Determinadas divindades são representadas no espelho do machismo. Isso pode servir tanto para criticar religiões que reforçam essa cultura patriarcal como, por outro lado, assumir esse mesmo machismo e sexismo. São facetas desses aspectos que nos provocam essas tirinhas. É o olhar analítico sobre essas ambivalências, a fim de melhor compreender o lugar da religião na arte e na sociedade, o proposto. Esperamos que, além dos objetivos, dos problemas e hipóteses elencadas, fica suficientemente justificado a importância de fazer a crítica sobre um fenômeno tão importante, como a religião, em uma produção artística muito consumida, em diferentes mídias, desse artista brasileiro.



Palavras-chave: Tirinhas (Humor); Religião; Sociedade; Buteco dos Deuses (Carlos Ruas).

Referências:

BERGER, Peter L. *O Riso Redentor*. A dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGSON, Henri. *O Riso*. Ensaio sobre o significado do cômico. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

RAMOS, Paulo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. São Paulo: USP. Tese de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. 2007.

_____. Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável. In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo, (42)3: p. 1281-1291, set-dez 2013.

RUAS, Carlos. *Buteco dos Deuses*. São Paulo: Nova Sampa/Liga HQ, 2016.
www.umsabadoqualquer.com